# A complexidade da Cadeia Produtiva do Agronegócio e os desafios para a competitividade internacional

**Marilda Bezerra Marreiros (FCSGN)***

**Resumo:** Este trabalho tem como objetivo apontar os fatores que são considerados, no momento, impulsores para o estado do Mato Grosso em força e competitividade no mercado internacional do agronegócio. Os desafios do agronegócio são apontados como sendo a legalidade, ou seja, excesso de normas e incidência de tributos, bem como a legislação de impactos ambientais que geram a burocratização do sistema; a ausência de mão de obra qualificada, redução da oferta pela baixa demanda e contratos temporários em safras, a infraestrutura tendo como modal rodoviário o mais importante, elevando os custos e assim tornando o valor do produto maior, além da dificuldade de escoamento até os portos. Verificou-se que o Estado de Mato Grosso ocupa parcela de destaque quanto à produção de grãos, e em todo o Brasil o agronegócio necessita de implantação de ferramenta PEST, que possam ser estratégicas para tonar os desafios superados podendo ser feito uma análise PEST.

Palavras-chave: Agronegócio; Competitividade; Mato Grosso.

**Abstract:** This scientific work has as main objective to point out the effects that are considered at the time of leveraging the state of Mato Grosso in force competitiveness in the international market as to the agribusiness branch. The challenges in the agribusiness sector are indicated as being the legality, that is, excessive standards and incidence of taxes as well as the legislation of environmental impacts that generate the bureaucratization of the system, the absence of skilled labor and reduction of supply by low demand and temporary contracts in crops, the infrastructure having as road modal as the most important, raising the costs and thus making the value of the product larger beyond the difficulty of runoff to the ports. It was found that the state of Mato Grosso occupies a prominent portion of soybean production, and throughout Brazil, agribusiness needs to implement tools that can be strategic to overcome the challenges that can be made a PEST analysis.

Keyword: Cientific Article; Human Resources.

## 1. INTRODUÇÃO

O agronegócio brasileiro é a principal fonte de produção e de desenvolvimento econômico no Brasil, movimentando 1,6 bilhões de toneladas em grãos, refletindo na necessidade de contratação da mão de obra e de transporte para manutenção e aprimoramento

*

da cadeia produtiva. Como principal modal de transporte, conta para o escoamento dos grãos com as rodovias, possibilitando a contratação de mais de 43 milhões de fretes. Neste cenário, junto à evolução tecnológica e o aprimoramento constante em gestão voltada à compreensão da cadeia produtiva do agronegócio, é importante conhecer os desafios que esse setor enfrenta para desenvolver-se (ARIERA *et al*., 2019).

O agronegócio é essencial ao desenvolvimento social e econômico do Brasil, estados e sub-regiões, abrangendo o contexto que é fundamental à economia de todo o país e agrega a sustentação da industrialização de produtos e de seus derivados, logo, o setor agrícola integra uma parcela determinante neste contexto.

Nos últimos anos, o agronegócio, em especial o da soja, tem obtido desenvolvimento contínuo e adequando-se ao mercado, expandindo-se a exportação acirrada de grãos da soja e seus derivados, mesmo enfrentado dificuldades. O objetivo desse documento é apontar por meio de revisão de literatura os principais desafios que o agronegócio vem enfrentando na movimentação de sua cadeia produtiva, tratando desde os aspectos internos como externos que se tornam obstáculos para que esse setor alcance o potencial de exportação de grãos na competitividade internacional, bem como apresentar ferramentas estratégicas, para contornar tais dificuldades.

## 2.1 AGRONEGÓCIO

O homem, inicialmente era nômade, por não possuir lugar fixo, não permanecendo muito tempo no mesmo lugar, somente se alimentava de frutos silvestres e sobrevivia de caça e pesca. Quando acabava a possibilidade de alimento, percorria territórios na busca de um novo lugar em busca de alimentos, evoluindo com o tempo e descobrindo que, animais poderiam ser caçados e também criados presos, multiplicando-se e garantindo, por maior tempo sua sobrevivência (FUSCO; BUOSI; RUBIATO, 2018).

Diante da necessidade novas formas de sobrevivência surgiram às primeiras civilizações que impulsionaram o agronegócio, desenvolvendo-se lentamente. As primeiras formas de tecnologia foram construídas pelo próprio homem, com uso de materiais explorado dos recursos naturais. Assim, por contar apenas do sustendo tirados da natureza, o homem passava por épocas de farturas e outras de escassez ou menor quantidade de alimento, obrigando-se a não permanecer em nenhum lugar definitivamente, mudando de território constantemente, em busca de alimento, desbravando territórios e criando trilhas como formas

de caminho ou estradas, mesmo que precárias, sendo comum a falta de comunicação, isolamento e ausentes métodos tecnológicos, a contribuíram para o aumento produtivo de seus produtos (GARCIA; MOTTA; AMATO, 2018).

Os produtos eram essencialmente para o consumo da família, descobrindo mais tarde que, lançadas ao solo, alguns tipos de sementes se desenvolviam e davam o alimento para saciar a fome. Porém, tais seres humanos enfrentavam com a falta de conhecimento de cultivos e de manter os produtos com durabilidade em tempo suficiente para saciar sua fome, sofrendo com a falta de conhecimento de como manter a durabilidade necessária para os alimentos e a armazenagem em local e de forma adequada. Com a descoberta da possibilidade de plantar sementes e criar animais em cativeiro ou cercados, descobriram quais benefícios tais recursos poderiam trazer à sobrevivência humana, iniciando-se a agropecuária com a permanência em local que possibilitava a criação e plantação de produtos (SAVOIA, 2017).

As atividades rurais eram diversificadas e autossuficientes, produzindo variedade de grãos, extração de madeira, e utilização de formas com pouca técnica, dificuldades em transporte, comunicação e conservação, variedade de produção para o sustento próprio e da comunidade (BATALHA, 2016).

O desenvolvimento se deu por meio do crescimento social e da economia, com o aumento de produtividade e com a inserção de produtos e serviços voltados também ao setor de vestuários, onde muitos povos do setor rural passam a migrar para o setor urbano, desenvolvendo de forma acelerada o setor urbano e diminuindo consideravelmente a população que mantinham o cultivo de produtos no setor rural (PETROCCHI, 2017).

Com o desenvolvimento tanto do setor rural quanto do urbano, observou-se que a produção, comunicação, distribuição destes produtos começaram a não comportar a demanda, necessitando do investimento em meios tecnológicos, a fim de aumentar a produtividade, facilitar a comunicação, transportar o produto até a comercialização (SOUZA JÚNIOR, 2018).

A transformação na agricultura teve seu maior desenvolvimento nos últimos 70 anos, em lento processo de inovação, o setor deixa de ser visualizado como setor primário, perde a autossuficiência pela necessidade de produção interna e para manter o mercado internacional, crescendo em larga escala. Com isso, o setor eleva os custos de produção por meio da necessidade de investir em máquinas, insumos, além de precisar estabelecer relações externas com o uso de estradas, meios de transporte e uso de novas técnicas que possam contribuir à produtividade atender a demanda, oriundas de fatores voltados à diminuição de pessoas no setor rural e aumento no setor urbano, além da exportação (ZYLBERSZTAJN, 2016).

Segundo dados do IBGE (referentes à população rural e urbana, entre os anos de 1940 a 2010, o que representava em 1940 a população rural eram de 68,45% e em 2010 representa apenas 15,03%, e para a população urbana demonstrada dentre os mesmo apresentam o percentual de 31,55 para o primeiro e a elevação para 84,97% (IBGE, 2017).

Surge o *agribusiness*, envolto na composição de operações e transações que envolvem a produção na lavoura, por meio do plantio, insumos aplicados, máquinas, com todo o processamento nas unidades com formas diversificadas como o cultivo de variedade de grãos, pecuária, horticultura, dentre demais passíveis de serem produzidas no Brasil, além da comercialização por meio de exportação de produtos oriundos do setor rural sendo industrializados. O termo em inglês *agribusiness* foi utilizado no Brasil, adotando a nova visão sobre a agricultura no ano de 1980 e apenas em 1990, iniciou a ser definido como agronegócio (RUFINO, 2015).

A partir deste momento, a agricultura passa a ser vista como agronegócio, abrangendo não apenas a produção de fibras e alimentos, contribuindo com o desenvolvimento social e econômico, transformando-se em setor complexo, composto por atividades além da produção, com a contratação de insumos, processamento, exportação e distribuição de produtos com destino até consumidores final (MELO; AGOSTINHO, 2017).

A compreensão do papel do agricultor dentro da porteira era deve um percurso histórico sobre a produção familiar com menor quantidade de produtos e para o consumo próprio, podendo haver aqueles que produzem com finalidade de comercialização de produção realizada como pequenos produtores. Deste modo, e linha dimensional à consideração da produção dentro da porteira no limite ao consumo familiar, destaca que não foram visualizados os traços mercantis desempenhado por produtores agrícolas, que passaram em muito tempo a ser visto de forma diversa a empresa ou sobre direcionamentos administrativos, pois além da necessidade há o desejo do homem na interação social e no mercado, considerando que ao integrar o mercado o produtor, possibilita o crescimento e sobrevivência não apenas momentaneamente, mas com visão futura, contribuindo e reproduzindo o patrimônio familiar (REDIN, 2017).

A figura do agricultor vai além da subsistência, pois é preciso que este saiba planejar de forma estratégica para administrar as variáveis dimensões temporais, devendo conhecer quais as formas e medidas certas, além do momento adequado e tempo de manutenção até atingir os resultados esperados, contando com riscos e ciclos naturais (REIS, 2014).

A produção com o agronegócio resultou de uma transformação conceitual, sendo que

nos casos de produção familiar e também de produção para comércio se considera a mudança para um pensamento estratégico e de gestão sistêmica, retirando os aspecto que são apresentado na história como o aprimoramento de técnicas utilizadas em todo o contexto dos processos da Cadeia de Valor voltada a produção de alimentos no agronegócio.

## 2.2 Visão sistêmica no agronegócio

Dentre as diversidades de aspectos voltadas ao agronegócio são apresentadas as cadeias de produção, de valores, produtivas e demais características que integram toda sistemática do agronegócio, demonstrando a complexidade e fatores que determinam o ciclo do agronegócio, sejam em sentido de planejamento à produção, na contratação de insumos, valor do custo de produção e retorno líquido financeiro ou o tipo da variação que será escolhida verificando características voltadas às condições climáticas, preço, custos operacionais e resultado na produtividade da soja ou no mercado e logística (ARIERA *et al*., 2019).

É importante analisar os segmentos dos ciclos da produção agroindustrial com enfoque voltado unicamente à produção no contexto de todo o agronegócio, descrevendo os segmentos ocorridos antes da porteira, dentro da porteira e após porteira com visão sistêmica demonstrando as vantagens desta ao agronegócio.

Abordando de forma ampla, os segmentos da produção antes da porteira são apresentados como os insumos essenciais à produção no agronegócio como recursos naturais e complementares: sais minerais, energia, fertilizantes, hormônios, matérias genéticos, inoculantes, fertilizantes, corretivos de solo, agroquímicos e demais voltados a setores" (ARAÚJO, 2017, p. 24).

Segmento agrícola dentro da porteira engloba fornecedores e insumos que serão utilizados pelo tomador de decisão ao investir na lavoura ou área que será plantada dependendo do tipo de produto e qual a produção esperada por este. São considerados equipamentos, máquinas e implementos agrícolas de acordo com o tamanho da área de produção, condições do solo, e escolha da variação de grãos que serão plantados, utilizando-se essencialmente de insumos voltados a adubação do solo, tecnologias a serem empregadas como a avaliação do solo, quantidade de uso de calcários e fertilizantes para cada área de forma específica, além de máquinas para o preparo e manutenção do solo, aplicação de agrotóxicos e utilização apara a colheita, podendo ser adquirido pelo produtor ou contratado por terceiros (BATALHA, 2016).

Há também os fornecedores que são fundamentais pela intermediação entre aqueles que

disponibilizam sementes, fertilizantes, agrotóxicos e demais insumos ao produtor da soja mediante contratos ou compra a vista para a realização do plantio e, para a aquisição de máquinas e equipamentos são responsáveis em maior parte das vezes além da compra a vista, instituições financeiras que por meio de incentivos e políticas públicas possuem linha de crédito específica ao produtor rural (REIS, 2014).

Insumos como a água são considerados naturais e não precisamente como insumo agrícola, porém, podendo ser utilizado com maior investimento em recursos de irrigação par alguns estados, acarretando em custo a produção. A energia por outro lado, é considerada advinda de formas variadas para sua geração e considerada aquelas que se utilizam de fontes renováveis, hidráulica dentre outras possuem margem de custo maior a produção, sendo que a energia solar é essencial a secagem dos produtos, porém podem desidratá-los e são advindos de equipamentos considerados pequenos como bombas e baterias (SAVOIA, 2017).

O uso de fertilizantes, calcários e gesso agrícola se destinam a manutenção e correção do solo, sendo possível a sua aplicação por meio da análise do solo que identifica a existência de deficiências do solo, podendo ser corrigida com aplicação direta ao solo ou quando feita análise foliar identificando a deficiência de nutrientes no período de condução da lavoura pode ser feita a aplicação de adubos ou fertilizantes nitrogenados de forma direta na pulverização em folhas como também irrigação ou gotejamento (GAZZONI, 2017).

É essencial o uso de defensivos inseticidas, herbicidas e fungicidas, com o propósito de controlar pragas, plantas invasoras e fungos, que interferem o desenvolvimento das plantas cultivadas.

Para o cultivo de grãos, existem tipos de sementes variadas, direcionando aqui, apenas as sementes varietais puras e as sementes transgênicas. As sementes puras são identificadas por apenas estas produzirem “filhas” que carregam a carga igual às de suas mães e as sementes transgênicas são aquelas cujo sua origem é dada em laboratório separando os genes desejáveis e deslocando os com defeitos, tornando-se com maior resistência aos produtos agroquímicos e com maior resistência (NETTO, 2013).

No segmento entendido como dentro da porteira, refere-se às limitações do estabelecimento em si por sua área produtiva ou limites onde se produzem os produtos para determinado ciclo ao qual podem ser agrícolas ou agropecuárias, sendo mencionada aqui apenas a primeira. Segundo Araújo (2017, p. 40) “a produção agrícola compreende o conjunto de atividades desenvolvidas no campo, necessária ao preparo do solo, tratos culturais, colheita, transporte e armazenagem internos, administração e gestão dentro das unidades produtivas”.

Nesta perspectiva, o agronegócio voltado ao ciclo agrícola abrange a junção de atividades diversas que possuem a finalidade essencial de conduzir a cultura a ser produzido desde a manutenção do solo com a aplicação de adubos e fertilizantes, o plantio, a aplicação de inseticidas, a gestão administrativa de custos, mão de obra, a colheita, o transporte e armazenagem do tipo de cultura, sendo gestor de tais atividades voltadas à gestão dentro da porteira (RAMALHO, 2015).

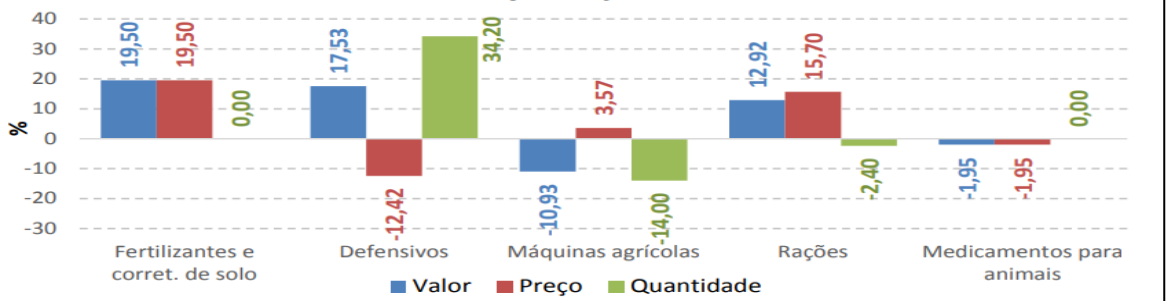
Um fator importante a ser considerado no segmento agrícola dentro da porteira, é o investimento em tecnologias que possibilitam a visão com maior eficiência seja por meio de investimento em métodos tecnológicos ou pelo aperfeiçoamento em setores que estão interligados desde ao adquirir um insumo, seu processamento, gestão, armazenagem e distribuição deste (FUSCO; BUOSI; RUBIATO, 2018).

O segmento apresentado como depois da porteira ou fora dos portões das fazendas têm direcionamento ao ciclo de industrialização e transformação de bens manufaturados, onde influencia na demanda, diminuição do preço do produto "*in natura*" direcionando de forma específica, competitiva, aprimorando a qualidade para atender o consumidor final (REIS, 2014).

Neste contexto são identificados a potencialidades em níveis elevados do mercado de capital e desenvolvimento do agronegócio.

Conforme dados divulgados na figura abaixo:

**Figura 1. Insumos: variação (%) anual de volume e do faturamento – 2019/2018 com preços e informações de janeiro/19**




Fonte: Cepea/USP e CNA (elaborado a partir de dados do IBGE, FGV e Anda).

Ativar o Windows
Acesse Configurações para ativar

A contribuição essencial se dá em maior incidência nesta fase, onde são distribuídos os produtos manufaturados em conjuntos com o produto "in natura" como é o caso de embalagens a granel não sendo industrializados, mas embalados, considerando que o aumento de participação nos resultados do PIB ocorre nesta fase se comparadas às anteriores (REDIN,

2017).

> No agronegócio, a agroindústria é a unidade produtora integrante dos segmentos localizados nos níveis de suprimento à produção, transformação e acondicionamento, e que processa o produto agrícola, em primeira ou segunda transformação, para sua utilização intermediária ou final (ZYLBERSZTAJN, 2016, p. 247).

No agronegócio por meio da visão sistêmica é possível verificar vantagens que contribuem com a delimitação e estratégia com o conhecimento do funcionamento das atividades agrícolas, possibilidade de aplicação imediata de estratégias cooperativas, observação de tendências de forma segura e reconhecimento da importância do agronegócio pela sua representação de forma total.

## 2.3 A importância do Agronegócio no Brasil

O alimento é essencial à vida humana e, dentre os anos de 1960 a 2000, a população mundial cresceu consideravelmente, elevando aproximadamente a 6 bilhões, multiplicando a economia, aumentando em 250% a necessidade e produção vindos da agricultura (NOGUEIRA; FROHLICH, 2016).

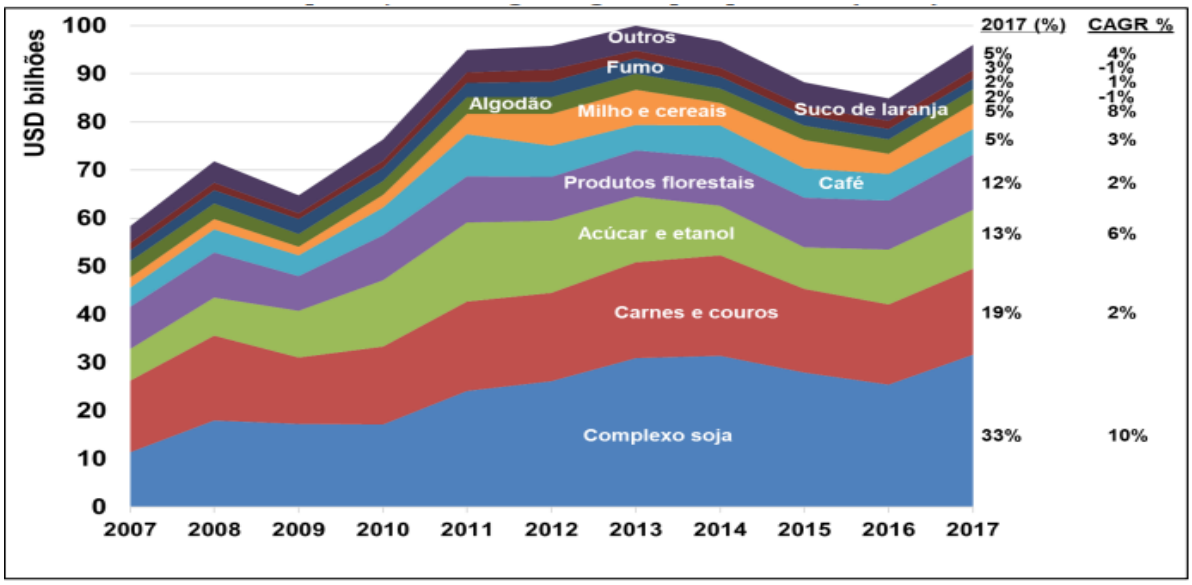
Com o cultivo de variedade de produtos o setor do agronegócio é responsável pela produção de grãos como o milho, soja, café, açúcar, extração da madeira e celulose, criação da pecuária com suínos, aves, gado, produtos hortaliças, fruticulturas e demais produtos que são "*in natura*" no setor da agricultura (PETROCCHI, 2017).

Com a expansão territorial abrangendo área em potencial, o Brasil explora a diversidade de produção e a abrangência de aproximadamente 60 milhões hectares para o cultivo de grãos, sendo um país com alto grau de produtividade e de competitividade, sendo que ao ser comparado com os maiores países produtivos do mundo, América do Norte e Europa, tem se destacado nos últimos anos, pelo desenvolvimento na agricultura moderna em tecnologia, e pela escassez de países com grande potencial com foco na agricultura tropical (BARROS, 2015).

Segundo Ariera *et al*. (2019) o setor do agronegócio é responsável por 25% do PIB, chegando em 2007 ao crescimento de 7,9%, alcançando 642 bilhões. A exportação corresponde a 42%, sendo o setor do agronegócio o que mais contribui na balança comercial, além de possuir diversidade de produtos conforme divulgado pelo Mapa, o país é o maior produtor mundial de cana de açúcar, suco de laranja e café, além de ser o segundo maior produtor de soja, apostando na previsibilidade de ser o maior produto em demais variedades de produtos

como o algodão, óleos vegetais e bicombustíveis, produzidos através da cana de açúcar.

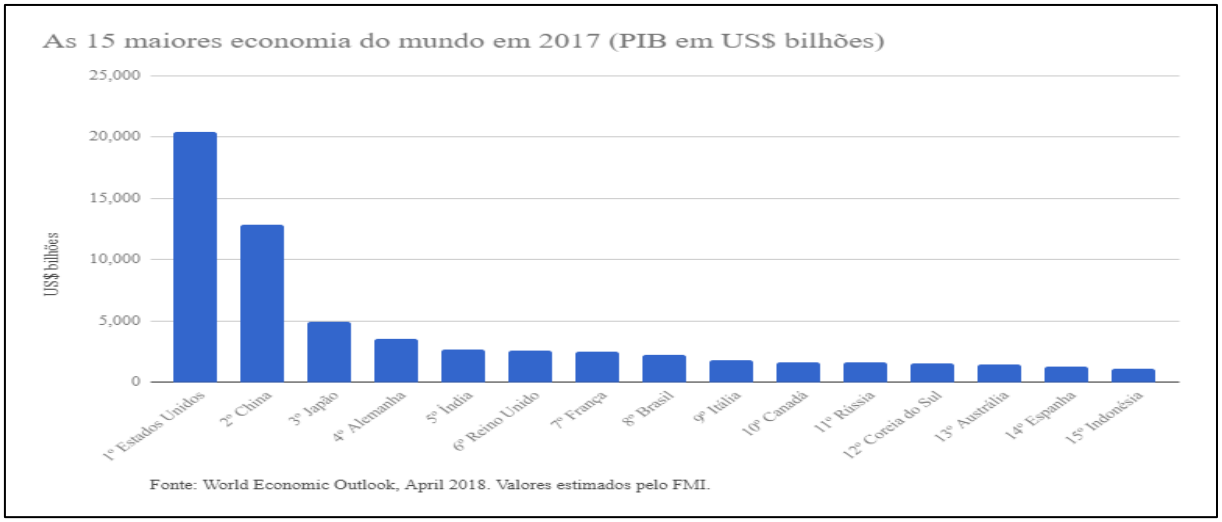
**Figura 2:** Exportação do agronegócio por produto




Fonte: MAPA (2019).

O agronegócio é essencial para o desenvolvimento econômico do Brasil, superando já em 2010, as expectativas estimadas por *Goldberg* para o de 2028, com de U$$ 10,7 trilhões, além de participar na balança comercial de forma positiva em 36% dos produtos em pauta exportados, considerando a importância para o aumento de emprego, correspondendo a 52% da população economicamente ativa, além dos gastos que são em 45% com produtos do agronegócio (Apud ARAÚJO, 2017).

**Figura 3:** O PIB brasileiro representativo em bilhões




Fonte: FMI, World Economic Outloook Database (2017)

## 2.4 Os desafios do agronegócio

O agronegócio brasileiro é apontado como o meio de produção mais importante para a economia no país, no entanto, a visão sistêmica no ramo enfrenta algumas barreiras que se torna um desafio manter-se competitivo quando se fala em conjunto dos processos produtivos relacionados à Cadeia.

Dentre os desafios, para além das incertezas que compõem esse critério, como controlar, se encontram outros fatores que envolvem o transporte, a parte operacional, falhas na recuperação da produção e problemas que decorrem das relações comerciais, como burocracia e impactos ambientais apontados pela lei e por toda a norma que rege os sistemas de relações comerciais e do meio ambiente, foco das produções de larga escala num país considerado como forte no agronegócio. (SAVOIA, 2017).

### 2.4.1 Desperdício da produção

O desperdício na produção, no ramo do agronegócio tem chamada a atenção, pois dentre os fatores, são observados que os locais e atividades operacionais para manuseio de materiais e a conservação de produtos nem sempre são adequado as necessidade de acondicionamento, por vezes sendo improvisadas, o que pode levar a deterioração ou falha de algum insumo que é necessário ser utilizado, mas que pela ausência de cuidados e armazenamento adequado pode perder sua validade e eficiência no momento de uso para a produção em si, resultando em custos para todo o sistema produtivo, interferindo diretamente nas sobras ou lucros do produtor (BATALHA, 2016).

Dependendo do segmento do agronegócio, o tipo de produção pode levar a inferioridade na qualidade e na redução do preço de oferta, pois a demanda em alimentos é exigente bem como não se pode comercializar algo abaixo dos critérios das normas de avaliação, assim sendo, o investimento da produção foi feito e nem sempre pelo resultado terá a satisfação e retorno em lucros, podendo ocasionar em prejuízos e perda dos produtos pela inviabilidade do consumo (REIS, 2014).

No Brasil, de acordo com estudo realizados pelo Serviço Social do Comércio (Sesc, 2019), os desperdícios chegam a 12 bilhões de reais oriundos de alimentos que são descartados diariamente, correspondendo a uma média de consumo que poderia se suprido em 39 milhões de alimentos oferecidos a pessoas para consumo de café, almoço e jantar. O fato apontado

deriva de problemas como o próprio gerenciamento logístico, que é considerado como inadequado, gerando desde a má gestão até a elevação dos custos do produto em si.

Órgãos FAO, Instituto Akatu, Emater e da Embrapa, destacam que o desperdício chega a 10 milhões de toneladas de alimentos, representando 20% da produção, dentre eles estão as hortaliças e, frutos e demais produtos que não chegam adequadamente ou que são desperdiçados em função do transporte e de sua conservação (SESC, 2019).

Nesse sentido, é necessário que haja estratégias para evitar perda e falhas, bem como aprimorar sempre as técnicas de cultivo e dos processos operacionais voltado ao agronegócio, pois com isso evitasse desperdício da produção e de gerar custos agregados ao produto ou inviabilidade pelo investimento que não teve retorno considerando os desperdiço.

### 2.4.2 Logística de entrega

No contexto do agronegócio bem como de toda a Cadeia produtiva o meio de transporte ou modal apresenta parcela considerável na eficiência e na competitividade em si. No Brasil, o principal modal ainda é o rodoviário, que gera custos agregados a todo o produto, seja para dentro da porteira ou no pós porteira, sendo um dos desafios mais consideráveis quando se refere a competitividade e alcance de uma produção em larga escala com expectativa de lucros e de retorno ao investimento feito no momento de produzir (VOLLMANN *et al*., 2018).

Os motivos estão alicerçados nas longas distância até os portos de exportação e de importação de insumos, o que leva a aumentar o valor do frete e da necessidade de manutenção dos modais, como rodovias, cobrança de pedágio e o custo de sobrevivência dos próprios caminhoneiros, e tudo isso reflete na cadeia produtiva desde os insumos para produção até o produto comercializado in natura, bem como até que seja manufaturado, pois tudo depende da logística e quando essa não tem o processo desenvolvido de forma ágil, curta distância, prazos controláveis, e custos agregados, a produção em si se torna com alto custo e as sobras para quem investe é reduzida (CONTINI, 2016).

Noutro sentido, em decorrência do tipo de modal e de acondicionamento, nem sempre os produtos são armazenados, movimentados e transportados na temperatura adequada, ou ainda, pode ocorrer falhas e deterioração quando o meio de transporte não é acondicionado de modo correto, e ao percorrer longas distâncias, pode estragar ou vencer pelas influências climáticas, como umidade, calor excessivo, dependendo do tipo de produto que está sendo transportado e da forma que está acondicionado (FRUCCTUOSO, 2018).

Para Ariera *et al.* (2019), os desafios considerados me logística, podem ser especificados como os principais motivadores sendo por:

- percorrem uma longa distância;
- estão expostos a diferentes temperaturas;
- não foram armazenados adequadamente nos caixotes.

### 2.4.3 Preocupação social e ambiental

A questão ambiental é dentre as mais morosas e de extrema burocracia, pois está amparada em lei responsabilidade social que decorre de parcelas consideráveis no investimento em questões sociais alicerçadas pelo fundamento de que por meio de impostos o produtor deve contribuir com a manutenção do Estado e com o desenvolvimento social, como investir esses valões arrecadados pelo governo em programa sociais e de desenvolvimento voltado as necessidade de segurança, habitação, saúde e educação, parcela dos impostos incidentes nos produtos dentro da porteira e pós porteira, bem como incidentes na diversidade da impostos que são cobrados do contribuinte, gerando valoração levada quando se fala nos custos externos de produção e impactam diretamente na cadeia produtiva (PETROCCHI, 2017).

Noutro sentido, considerasse a leis de necessidade de manejo, de licenciamento ambiental e de critérios estabelecidos na lei de proteção da fauna e da flora, considerando os agentes nocivos como pesticidas e agrotóxicos em geral, o que por vezes geram multa aos produtores, além do que, por ser uma área que cresce de forma acelerada e tem alta demanda, ainda nos dias de hoje, ocorre o acesso limitado ao investimento no sentido da educação e da saúde as pessoas que cultivam o campo, o que deve ser melhorado, pois a necessidade de integração nos setores sociais e de questões ambientais, pois se não houver efetividade no desenvolvimento integrado e sistêmico, isso impacta diretamente no conhecimento de técnicas e pelas questões ambientais no controle de pragas, o que resulta na lentidão e possibilidade de falhas e perdas da produção, não elevando ao nível de competitividade pelas falhas básica nos processos da Cadeia Produtiva (BATALHA, 2016).

## 2.4 Excesso de burocracia no processo

Mesmo que a indicação seja normatizar para garantir a segurança das relações negociais, para que os processos na Cadeia produtiva tenham bom andamento, no Brasil ocorre o excesso

de burocratização, lentidão dos órgãos essenciais e demora no desenvolvimento dos processos, o que deixa inviável quando se refere ao agronegócio (REDIN, 2017).

A prática pautada na burocracia impede a agilidade e eficiência, ainda mais em um ramo que depende da questão climática e isso interfere diretamente nos resultados obtividos, assim, por meio da burocracia, pode ocorrer atrasos de entrega e atraso nos processos de escoamento de grãos e de transporte de produtos in natura com fins de exportação, diminuindo a confiança no país pela burocracia que reflete em setores determinantes no agronegócio (ARIERA *et al.*, 2019).).

### 2.4.5 Falta de mão de obra

A mão de obra é um dos elementos mais discutidos em todos os segmentos empresariais, mas quando se refere ao campo do agronegócio ainda encontra maiores desafios, pois hoje a maioria dos trabalhadores preferem os grandes centros urbanos pela acessibilidade e na busca de se desenvolver-se, seja por meio de uma profissão investindo em cursos superior, seja na busca pela estabilidade em segmentos que não exigem o esforço físico que os setores do agronegócio exige (BATALHA, 2016).

Conforme dados apresentados pelo CEPEA (2019), destacados na figura abaixo:

**Figura 4:** População no agronegócio e nos seus segmentos

Variação na população ocupada (PO) do agronegócio e seus segmentos **(1º tri de 2019 x 1º tri de 2018):**

| Insumos | Primário | Agroindústria | Agrosserviços | Agronegócio total | Bo |
|---|---|---|---|---|---|
| 4,02% | -1,42% | -1,73% | 2,34% | -0,23% | |

**Fonte:** CEAPEA (2019).

De acordo com os dados divulgados pela Ceapea (2019), o ramo do agronegócio bem como de seus segmentos representam o aumento de população ocupacional com crescimentos em segmentos de serviços referente aos insumos e ao agro serviços e para as atividade primárias uma queda de 1,42%, referindo a ideia trazida pelos autores que destacam para a complexidade nesse sentido.

Com isso, a cada dia há menos trabalhadores e muitos não possuem interesse em permanecer no campo, buscando sua independência, o que gera falta de mão de obra, outro caso

são os contratos temporários, pois como há necessidade apenas em épocas do ano, nem sempre se sentem seguros em investir em atividades voltadas ao agronegócio por existir muitos contratos temporários (SOUZA JUNIOR, 2018).

## 2.5 Os desafios do agronegócio no estado de Mato Grosso

O agronegócio no Estado de Mato Grosso, possui sua maior parcela destinada a soja, sendo um dos produtos de maior produção e de deslocamento no escoamento até os portos de exportação. De acordo com estudos realizados pelo Mapa, tanto a soja quanto o milho têm uma expectativa de crescimento de 39%, sendo que além desses produtos, ainda a carne e também o açúcar indicam o crescimento evolutivo quanto produção no estado. (MAPA, 2018).

No entanto, a liderança é apontada pela safra de grãos, considerando que poderá se estender esse ranking até 2026. Hoje, os dados apontam a produção de grãos em 196,5 milhões de toneladas, e deverão acrescer para 255,3 milhões até o ano de 2025 e 2026, o que somará um valor de 58,8 milhões considerando a produção já computada na safra anterior, ou seja, terá uma aumento de 30% em toneladas quando a produção de grãos. (MAPA, 2018).

Desse percentual considerando o país todo, ganha destaque o Estado de Mato Grosso, com uma produção atual de milho e soja de 41,5% para a soja e 37,1% para o milho, sendo considerada como o cargo chegue ou o principal item de estímulos pra os mercados tanto internos quanto externo. Hoje o Estado representa um dos principais produtores de grãos e de diversidade de produtos relacionado a outros estados dos Brasil, sendo de grande importância considerar os processos da cadeia produtiva e analisar ferramentas que procurem minimizar os impactos relacionados aos desafios que o agronegócio possuem em relação a fatores como logística, burocracias e mão de obra, além de questões ambientais, sendo que a liderança na produção de soja está com 27,2% para o Estado de Mato grosso (MAPA, 2018).

## 2.6 Ferramenta PEST

O uso de ferramentas PEST pode ser indicado como uma possível estratégia de amenizar os desafios que o Brasil e o Estado de Mato Grosso vêm enfrenando. Por meio de uma análise PEST (Político-Legal, Econômico, Sociocultural e Tecnológico), poderá buscar desenvolver uma gestão que refere-se a aplicação de ferramentas estratégicas em administração voltada ao ramo do agronegócio, por meio do qual o administrador ou gestor do agronegócio tem uma

previsibilidade e mecanismo de ação para observar diante de toda a segmentação do mercado e sua influências internas e externas, assim sendo a análise deverá ser feita com a definição do mercado que deve pesquisar e propor meios estratégicos de ação.

Quanto aos aspectos políticos, há que considerar as negociações que o governo implanta no decorrer da escala e definição de cada elementos da cadeia produtiva dentro de toda sistemática do agronegócio brasileiro, assim sendo, no Brasil o agronegócio possui maior destaque quanto aos grãos, mas não perde muito espaço nos demais segmentos como a carne bovina, e outros produtos variados, mas mesmo assim sua maior produção está relacionada a soja em si, sendo a maior produção e meio de troca exportação aos demais países do mundo (RUFINO, 2015).

No entanto, um dos desafios está alicerçado quando a legalidade e incidência tributária, pois sendo permitido por lei a arrecadação de inúmeros produtos, isso interfere na agregação de valor embutido nos produtos, assim sendo, os produtos acabam por gerar altos custos e influencia em todos os segmentos que dependem ou se vinculam com a produção da soja e de seus derivados, bem como de todos os produtos que são integrantes da cadeia produtiva (REDIN, 2017).

Nesse aporte, a questão econômica tem variados reflexos, desde qualquer que interfere na mão de obra, na compra de insumos, no deslocamento e armazenagem dos produtos e disponibilização de insumos e incidência tributária em cada processo operacional que se vincula a safra e seu escoamento, além de diversas influência no sentido da produção em si na diversidade dos produtos.

Quanto a questão tecnológica, por meio dos avanços cresceram a necessidade de adequação e de atendimento a demanda, e mesmo que o Brasil e os estados busquem se adequar, ainda está em transição o que leva a necessidade de efeito rápido, investimentos elevados e retorno em longo prazo, sendo que a atividade do agronegócio mantêm riscos, nem sempre a instabilidade poderá não interferir no todo na cadeia produtiva e no retorno aos investimento de maquinários e tecnologias essências a produção e alimentação de toda a Cadeia Produtiva (BATALHA, 2016

## 3.0 CONCLUSAO

Ante todo o exposto, o presente trabalho científico teceu considerações quanto so desafios do agronegócio brasileiro, considerando que o agronegócio é o principal meio que alavanca a produção e possui ramificações quanto a produção e seus processos, enfrenta

desafios voltados a logística, burocratização por meio de excesso de normas atrasando a produção e possibilitando falhas pelas perdas e estragos nos produtos alimentícios, além de enfrentar questões ambientais e seus impactos pelo uso de agrotóxicos, além de haver baixa qualificação e oferta de mão de obra, sendo que ainda hoje, considerando os avanços tecnológicos e a força na produção que o agronegócio representa, deveria ser aplicada a análise das ferramentas PEST.

Possibilitou-se verificar que o agronegócio corresponde a participação da balança comercial contendo 36% dos seus produtos para a exportação, e desse percentual 33% estão distribuídos entre os produtos do complexo da soja, 19% carnes e couros, 13% açúcar e etanol, 12% de produtos florestais e dentre outros produtos como suco de laranja (5%), e outros.

Ocupa o 8º lugar no ranking mundial quanto aos 15 maiores países participantes da economia desenvolvida pelo PIB em bilhões, no entanto, se comparado aos demais países desenvolvidos, mesmo com o potencial não consegue se equiparar aos demais países por fatores internos relacionados a visão sistêmica do agronegócio, possuindo alta demanda e competência produtiva, mas falas quanto a logísticas e desperdício de alimentos que são reflexos de falhas do complexo da Cadeia Produtiva.

## REFERENCIAS


ARAÚJO, Massilon J. **Fundamentos de agronegócio.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

ARIEIRA, J.A.; DIAS-ARIEIRA, C.R.; FUSCO, J.P.A.; SACOMANO, J.B. Cadeia de produção do amido de mandioca (Manihot sculenta): um estudo dos relacionamentos e da coordenação da C-Vale Terra Roxa. In: **ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO**, XXIX, 2009, Salvador. Anais....Salvador: ABEBRO, 2019.

BATALHA, Mário Otávio. **Gestão agroindustrial. 5**. ed. São Paulo: Atlas, 2016.

CEAPEA. Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (CEPEA) - Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA). PIB DO AGRONEGÓCIO INICIA 2019 COM LEVE QUEDA. 2019.

CONTINI, Elísio et al. Evolução recente e tendências do agronegócio. **Revista de Política Agrícola**. Ano XV – Nº 1 – Jan./Fev./Mar. 2016.

FMI, World Economic Outloook Database, 2017.

FUSCO, J.P.A.; BUOSI, G.R.C.; RUBIATO, R.C. Modelo de redes simultâneas para avaliação competitiva de redes de empresas. **Gest. Prod**., v.12, n.2, p.151-163, 2018.

FRUCTUOSO, Adriana Moreira et al. Fatores relevantes da gestão da cadeia de suprimentos de SLCC: o caso Corol. **Revista Jovens Pesquisadores** ANO V, N. 8, JAN./JUL. 2018.

GARCIA, R.; MOTTA, F.G.; AMATO NETO, J. Uma análise das características da estrutura de governança em sistemas locais de produção de suas relações com a cadeia global. **Gestão & Produção**, v.11, n.3, p.343-354, set/dez, 2018.

GAZZONI, Décio Luiz. A sustentabilidade da soja no contexto do agronegócio brasileiro e mundial – Londrina: **Embrapa Soja,** 2017.

IBGE - Sistema de Contas Nacionais, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE. **Elaboração Sebrae e FGV**, 2017.

MAPA. **MT lidera ranking como principal polo agrícola do País.** 2018.

MELO, M.A.C.; AGOSTINHO, M.C.E. Gestão adaptativa: uma proposta para o gerenciamento de redes de inovação. Revista de Administração Contemporânea – RAC. Curitiba. v. 11, n. 2, p. 93-111. Abril/jun. 2017.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (Brasil). Escola Técnica Aberta do Brasil (Montes Claros – MG). Caius Marcellus Reis Silveira. **Introdução ao agronegócio.** Janeiro, 2010, p. 152.

NOGUEIRA, J. M.; FROHLICH, A. G. Inovações tecnológicas, meio ambiente e agricultura: desafios para sustentabilidade em Mato Grosso. **Anais.**..: Apresentação Oral. Instituições e Desenvolvimento Social na Agricultura e Agroindústria. 2006, p. 19. Departamento de Economia Universidade de Brasília. Brasília – DF, [2016].

PETROCCHI, Mario. **Turismo Planejamento e Gestão** – 7. ed. São Paulo: Futura, 2017.

RAMALHO, J.R. Novas conjunturas industriais e participação local em estratégias de desenvolvimento. **Dados**. Rio de Janeiro, v.48, n.3, p. 491-523, set. 2015.

REIS, D. R. **Gestão da inovação tecnológica.** Barueri – SP.: Mamole, 2014.

RUFINO, José L.S. **Origens e conceitos do agronegócio.** Informe Agropecuário, Belo horizonte: Epamig, v.20, nº 199, Jul./Ago. 2015.

REDIN, Ezequiel. Dentro e fora da porteira - os elementos condicionantes na estratégia de reprodução dos agricultores familiares fumageiros. **Revista Extensão Rural**, DEAER/PPGExR – CCR – UFSM, Ano XVIII, nº 22, Jul – Dez de 2017.

SAVOIA, José Roberto Ferreira. **Agronegócio no Brasil:** uma perspectiva financeira. 1. ed. São Paulo: Saint Paul, 2017.

SESC. Serviço Social do Comércio (Sesc). **Desperdício de alimentos**. Brasil, 2019.

SOUZA JÚNIOR, GOTARDO M. de. ***Hedge* para Produtores de Soja (Estudo de Caso de Produtores dos Municípios de Sinop e Lucas do Rio Verde** – MT). 2018.

VOLLMANN, T.E.; BERRY, W.; WHYBARK, D.C.; JACOBS, F.R. **Sistema de planejamento e controle da produção para o gerenciamento da cadeia de suprimentos**. 5. ed. Porto Alegre: Bookman 2018.

ZYLBERSZTAJN, D. Conceitos gerais, evolução e apresentação do sistema agroindustrial. In. **Gestão dos negócios agroalimentares:** Indústria de alimentos, indústria de insumo, produção agropecuária. Décio Zylbersztajn & Marcos Fava Neto (org.). São Paulo: Pioneira,2016.